
O LIRISMO PROVINCIAL DE FAUSTO JOSÉ

M. MANUELA MALDONADO

A 10 de Março de 1927, surgia em Coimbra uma folha "de arte e crítica" denominada *Presença*. De raiz matricial modernista, inicia um segundo período, já que a geração de *Orfeu*, "mais criadora do que crítica", passara despercebida do grande público ou fora vilipendiada por grupúsculos da cultura instalada. Através de um texto "Literatura Viva" inserto, em jeito de manifesto, no primeiro número da revista, de 1927, José Régio dá a conhecer os propósitos de uma nova estética; recuperando-se, entre outras, posturas românticas como o individualismo, a religião do Eu, a intuição, a par de influências suas contemporâneas como o psicologismo. Além destes aspectos que percorreram os poemas de colaboradores da *Presença*, desenvolve-se o gosto pelo regional, recusando-se o cosmopolita tão do agrado dos poetas do primeiro modernismo. E é precisamente no que foi chamado de lirismo provincial que se situa Fausto José.

Nascido na Beira Interior, em Armamar, em 1903, assiste à eclosão do movimento presencista em Coimbra, datando o seu primeiro livro, *Fonte Branca*, de 1928. Quer Coimbra quer a sua Beira, com costumes e tradições, serão o caleidoscópio referencial na estruturação de uma mundivisão poética filtrada na dramaturgia da primeira pessoa que, por vezes, se encobre, aparentando distância, na terceira pessoa. Os dois livros subsequentes, *Planalto* e *Redemoinho*, serão publicados pela *Presença*. Outros se seguirão em diversas editoras: *Síntese*, *Solstício*, *Embaló*, *Dona Donzela Senhorinha*, *El-Rey que vai à caça*, *Voz Nua*, *O Livro dos Mendigos*.

Embora o último volume publicado seja unanimemente considerado o mais significativo da sua expressão poética, um outro livro da sua maturidade, *É El-Rey que vai à caça*, pelos jogos de conotação e denotação, de implícitos e explícitos, que mais não são que fingimento poético, permite leituras outras. O título é indiciador de uma personagem distante do vulgo, pela sua singularidade, pelo papel de líder praticante de uma arte digna do seu estatuto. Curiosamente, o primeiro poema — uma quadra e uma sextilha em decassílabo — não tem título,

O LIRISMO PROVINCIAL DE FAUSTO JOSÉ

apresenta uma expressão gráfica diferente de todas as outras composições do livro e oferece uma chave de leitura: "Versos são como animais bravios / ... em liberdade plena pela selva"; "Poetas são os caçadores furtivos / Na espera ocultos ... / Só pelo gosto de prendê-los vivos / Na jaula a folha branca do papel ...". Segue-se outro poema — três sextilhas em redondilha — desta feita de igual título ao da colectânea, que explicita a solidão do caçador real, o mais nobre dos nobres, com a particularidade de não ser acompanhado de um séquito aparatoso: "É o rei que vai à caça ...". Está construída a metáfora.

60 Acabado o preâmbulo, o livro desenvolve-se em três partes: *A Caça, Caçadas, Caçadores*. N'A *Caça*, o poeta enuncia situações de encontro e desencontro com a poesia. Assim, em "A perdiz", fala-se da inspiração que se recusa, apesar do acerro da Musa, metáfora retomada em "Criação", onde a perdiz é já o poeta que guarda ciosamente os seus versos e a quem, apesar dos esforços, escaparam um a um: "Traz perdido o canto, já perdeu a pena".

A solidão de um ser único, incompreendido, é dada pela metáfora do pombo da rocha. Altivo, o poeta olha o mundo e os outros que o não entendem: "Na crista da rocha / já poisa de leve". "Aqui é, senhores, / Que o mar tem grandeza!". E, acossado pela incompreensão, qual raposa velha, sente-se abandonado das Musas; no entanto, sai da cova e "Põe-se a tomar ventos", e "Longe, na quinta / Se ergue a voz do galo", "Fila a presa ..." — a poesia, mas depois do encontro "Já regressa à toca."

Quer em "Instantâneos de um coelho bravo" quer em "Súplica", o poeta não consegue realizar o seu trabalho: no primeiro caso, porque os instrumentos receptores do canto divino ou o da sua interioridade — as orelhas — pouco registam pela fragmentação do Eu "De orelha à banda"; no segundo caso, o poeta, por esse facto exorciza as Musas, em forma de ladainha, considerando-se, pois, um poeta maldito: "E que nos livre deus do caçador / Que é de todos os bichos o pior!...". No poema "Furão", alude-se ao esforço dos sentidos na demanda da poesia e, quando a encontram, o poeta transforma-a no poema "E com dentes mais firmes que uma pinça / Se agarra à presa ...". Neste caso, a opção pela forma de soneto vem reiterar o esforço da construção poética. Porém, acontece que, por falta de rigor poético, a obra de arte morre perguntando ao poeta porquê em "violeta", nome de flor, símbolo de equilíbrio e de perfeição.

O mito de Orfeu está presente em "Agosto" sob a metáfora da codorniz, o poeta, que espalha pela Natureza suspensa o som encantatório da poesia maturada: "Porque no seu canto / Sente-se a dormência / Dum cantar de embalo".

Em *Caçadas*, a segunda parte da obra, as isotopias repetem-se, ainda que, neste caso, se fale de metodologia do trabalho poético, enquanto na primeira se ficava pela enunciação de situações. Altera-se também a enunciação: o Eu ou o Nós assumem-se como enunciadores na maior parte dos poemas e só esporadicamente aparece a terceira pessoa que predomina em *A Caça*.

Assim, em "Canção de alvorecer", o poeta explica que a sua inspiração advém da visão apolínea das coisas: a luz desenha os contornos do mundo oferecido a quem o cante. E, para que o trabalho resulte, o poeta tem de estar despojado — "Queijo fresco, um trigo dentro do bornal, / Refeição frugal ...". E além do despojamento a intuição funciona como descoberta primeira e daí a metáfora do cão e do faro — "Pega na espingarda, / Vai chamar o cão". As fases da construção poética estão presentes em "Caçadores de perdiz" e "Duas canções de fim de caça". Essas fases são perseguição, suor e sofrimento, havendo no primeiro poema ainda um obstáculo a superar — o cabeçaço. No segundo, o objecto do canto escapa-se — o tordo, num contexto de negruras e lágrimas, o poeta está pessimista, só: "O vento enraivado grita / Pelos canos da espingarda". Numa encruzilhada surge o símbolo da Cruz, da esperança. A consecução poética depende da opção.

No meio do labor poético, há necessidade de repouso, num cenário natural, com a imaginação e a pena ao lado, numa atitude de escuta expectante. É a ocasião propícia para o alheamento que leva à reflexão filosófica sobre a pequenez do Homem no Cosmos — "Secaram-se os cantis: / Os lábios a esaldar, sorvem febris / As águas podres dos sombrios charcos". De contemplação também se fala no poema "Batida no Marão", em que se institui como objecto do canto a própria Beleza, prefigurada numa corça em meio hostil.

Às vezes o poema surge pela evocação de outros poemas de autores consagrados. É o caso do soneto camoniano "Sete anos de pastor ...", a propósito de uma vivência serrana, em pleno inverno, junto de pessoas humildes. A intertextualidade alarga-se a toda a poesia bucólica. É uma outra metodologia do trabalho poético.

Se a primeira parte da colectânea falava de situações e a segunda de metodologias do trabalho poético, a terceira é um pensar/sentir sobre a confraria dos poetas que oficiam à Poesia, enunciando-se ora por implicação ora por distanciamento. É disso que nos fala o poema de abertura — "Ceia" — onde há um explícito intertexto bíblico, o da parábola das virgens loucas.

Uma confraria tem os seus ritos e um deles é o de chorar um companheiro que morre amando a vida — "Canção do companheiro morto".

62

Seguem-se poemas sobre diversos perfis poéticos. "O caçador profissional" é aquele para quem o valor da poesia é inestimável e, por isso, o poeta opta pela solidão como forma de consagração total. Só e dividido, é actor e expectador, participando ambos os papéis nas fases do trabalho poético que termina pela apropriação da presa rara. "Foi ele, a meu lado, um dia / Quem matou a perdiz branca".

Para fugir à turba, o poeta em "Canção do caçador solitário" procura um casarão velho onde acaba por se escutar — "Inteiro o meu coração / Como se vivo o tivesse / Na palma da minha mão!...", reencontrando uma totalidade — "... deitado sobre a terra / Entre umas paredes nuas / Por uns instantes fui eu!". Tão Alberto Caeiro!...

O "Caçador furtivo" cultiva preferencialmente a distância porque a intuição é o seu modo de fazer poesia — "O grande amor da sua vida / É o cão que busca e amarra a caça / E que depois lha traz à mão". É conhecedor da arte poética, tal como o "Caçador Velho" a quem o coração se calou e, por isso, exerce um magistério junto de outros confrades, mas já não é capaz de criar — "Outrora corria montes. / Agora, que já está velho, / Vive das suas memórias / E aos novatos dá conselho".

O poema final intitula-se "Canção do caçador poeta". Nele se dizem dos processos de captar a essência poética do Mundo numa postura que não é de amador mas de conhecedor — "Caçador poeta vai calado e só, / De olhos pelas nuvens, pés calcando o pó." A metáfora desfaz-se por redundância.

Rítmica e imageticamente, o livro, editado em 1951, pela Imprensa Portuguesa, não é inovador, dado que a irregularidade estrófica e métrica obedeça a figurinos da época, bem como o uso de um discurso retórico que cria, por

vezes, um anti-clima poético, como é o caso de passos da "Canção do companheiro morto". Todavia há momentos dignos de nota como o do último poema escrito em dísticos hendecassilábicos com ressonância de salmo bíblico e as composições em jeito de romance popular em que se sente o autor mais desenvolvido — "Caçador velho", "Raposa velha", entre outras.

O livro da conotação, da metáfora, está acabado, mas o volume continua, em outro tipo de letra impressa, diferente de todos já estilizados, num enunciado que pretende ser uma confissão justificativa da inclusão de um glossário de caça, este a negrito.

É nesta construção e desconstrução da metáfora que reside a dialéctica das leituras, evidenciando-se um microcosmos regional explícito num lirismo trabalhado à maneira da *Presença*.

A antologia é enriquecida por desenhos de Carlos Carneiro que recupera os *topoi* mais importantes da grande metáfora: "O pombo da rocha", o poeta; "Descanso na caça", o poeta acede à Poesia e descansa numa postura lamartiniana; "Canção do caçador poeta", há que perseguir a beleza que se revela fugazmente.